



GT 005. Agências materiais e espirituais no cotidiano: experiências e narrativas de coexistência

Martina Ahlert (Universidade Federal do Maranhão) - Coordenador/a, João Frederico Rickli (UFPR) - Coordenador/a

Diversas pesquisas em antropologia têm se interessado pelos modos como as pessoas mobilizam agências materiais e espirituais em situações de lutas, disputas e construções identitárias. Entidades como encantados, espíritos, fantasmas, demônios, o próprio Espírito Santo, entre outras; e objetos "animados" como imagens, amuletos, fotografias e a Bíblia, por exemplo, podem participar do dia a dia das pessoas em diferentes contextos. Essas agências não estão limitadas a planos extraordinários, circunscritos aos domínios do explicitamente religioso. Antes, elas permeiam escolhas, decisões e atitudes cotidianas em relação aos mais diversos temas, e seus efeitos se materializam de formas variadas na experiência. Essas situações e ações apontam em direção à não exclusividade humana nos modos de viver, de dar forma e sentido à existência. Este Grupo de Trabalho pretende reunir etnografias e pesquisas de caráter etnográfico em arquivos que abordem essas experiências e a produção de narrativas a elas vinculadas. De um ponto de vista teórico, interessam-nos três pontos, sobretudo: em primeiro lugar, a análise das disputas e controvérsias em torno da legitimidade e autenticidade dessas narrativas e experiências. Em segundo, a questão da coexistência e coabitação no mundo, que questiona leituras lineares sobre o tempo e a história. Finalmente, a análise de situações em que as fronteiras e limites daquilo que se caracteriza como religioso são desafiados pelos próprios dados etnográficos.

A jurema Fulorou: a simbólica feminina na Jurema Sagrada, uma etnobiografia de Mestra Paulina.

Autoria: Izabella Barbosa da Silva

Quando começamos a nos interessar pelo sagrado feminino na Jurema, imediatamente nos chamou atenção o universo das Mestras, entidades femininas - com características semelhantes às das pombas-giras da Umbanda e do Candomblé - com histórico de sensualidade e prostituição. Diferente das Caboclas e das Pretas-Velhas que se aproximam muito mais de um ideal de "pureza", as Mestras destacam-se pela sua postura transgressora e "impura". As divindades presentes no culto a Jurema trazem consigo uma história de vida que passa a compor a mitologia da Jurema e a influenciar na sua prática de culto, formando um panteão infinito de entidades, que são sagradas, mas que ao mesmo tempo carregam características tão humanas quanto os que as veneram. A curiosidade em conhecer mais sobre as Mestras, nos levou a ouvir e a ler muitas narrativas a respeito destas moças que viveram em sua maioria no Nordeste brasileiro em séculos passados, prostituindo-se para sobreviver e repetidamente passaram por episódios de mortes trágicas. Como nas narrativas sobre Mestra Paulina, menina cigana, perdeu os pais cedo durante uma viagem de navio com destino ao Porto de Jaraguá em Maceió-AL, ao desembarcar foi vendida para uma Dona de Prostíbulo. Conta-se que, Paulina vendia frutas na beira do cais na intenção de juntar dinheiro e fugir da exploração e dos maus tratos no prostíbulo, diz-se ainda que não media esforços para proteger as outras meninas das maldades de sua tutora - motivo pelo qual veio posteriormente a ser reconhecida como protetora das mulheres. Até que então a bela moça consegue fugir para Recife-Pe, onde veio a habitar a rua da Guia e trabalhar no Cais do Apolo, onde era desejada por muitos homens e odiada por suas esposas. Paulina morre tragicamente, assassinada com sete facadas por um de seus amantes, acredita-se que por motivo de ciúmes. O que se conta sobre a vida de mestra Paulina não difere muito da história de outras mestras, envolvidas no universo de exploração sexual, violência e marginalidade. Escolhemos nos debruçar então sobre a "vida" da jovem menina cigana ao encontrar no interior de Alagoas um grupo de praticantes da Jurema, liderado por uma



jovem sacerdotisa discípula de Mestra Paulina, e que apresenta grande confiança e devoção a esta mestra. Então delimitamos como universo de pesquisa, o Sagrado Feminino na Jurema Sagrada, a partir da etnobiografia da entidade Mestra Paulina entrecruzada com a da sua discípula, na busca por compreender as estratégias e agenciamentos desenvolvidos pelas figuras femininas presentes neste culto ? seja no plano material ou espiritual, face a esta marginalização e invisibilidade que perpassa todo o culto a Jurema Sagrada, e se torna ainda mais pungente no que se refere ao feminino.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**